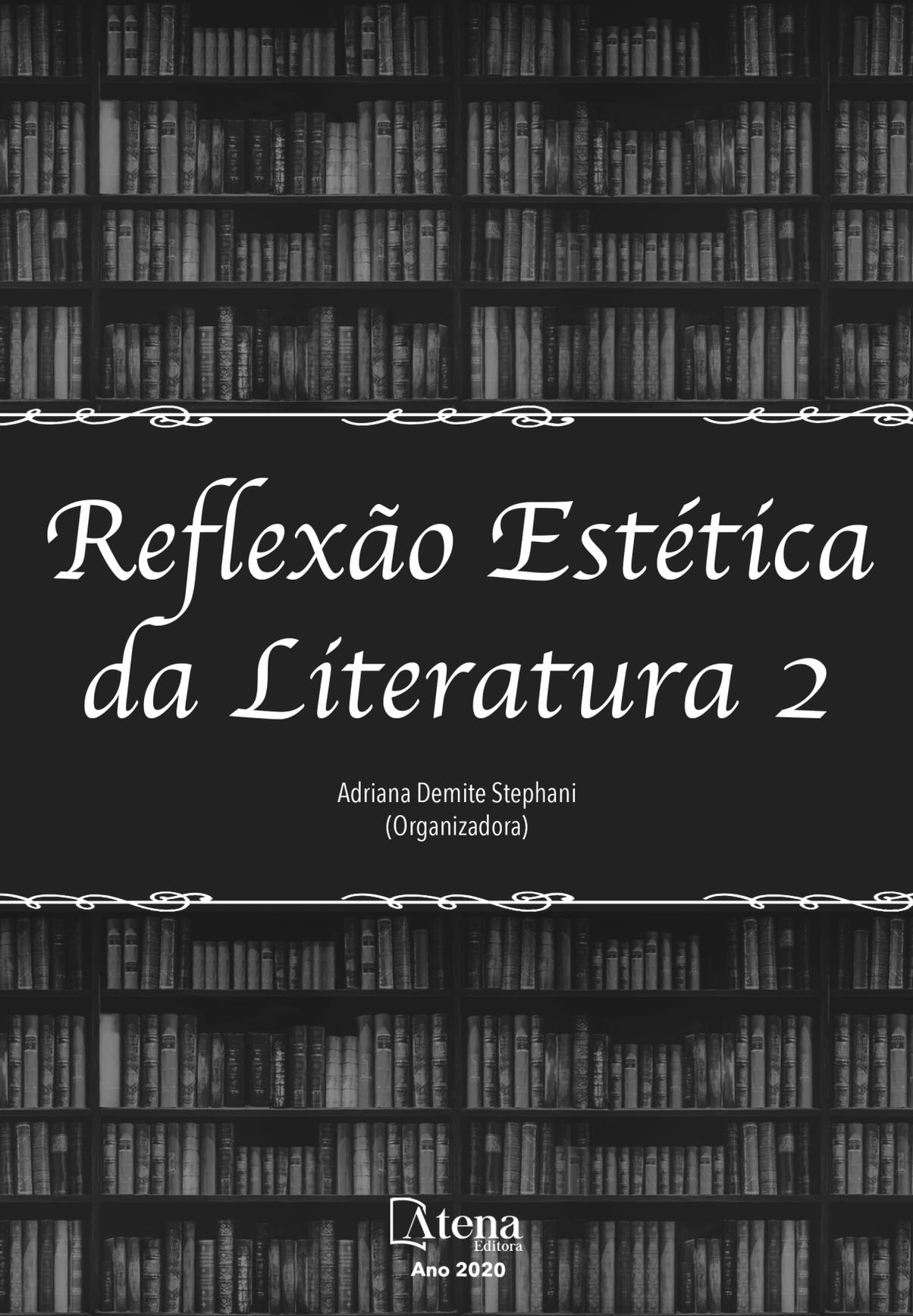


*Reflexão Estética
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Reflexão Estética da Literatura 2

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Prof^a Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Prof^a Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof^a Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Prof^a Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Prof^a Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Adriana Demite Stephani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA <i>NEIGHBOURS</i> DE LÍLIA MOMPLÉ	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
Rosilda Alves Bezerra	
Lorraine Sobral Correia de Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.8942026101	
CAPÍTULO 2	14
A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA	
Rosalina Albuquerque Henrique	
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda	
DOI 10.22533/at.ed.8942026102	
CAPÍTULO 3	20
O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM <i>O RETRATO DO REI</i> , DE ANA MIRANDA	
Cristina Reis Maia	
DOI 10.22533/at.ed.8942026103	
CAPÍTULO 4	32
AS MARCAS DA OPRESSÃO EM <i>SELVA TRÁGICA</i> , DE HERNANI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
João Batista Cardoso	
Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.22533/at.ed.8942026104	
CAPÍTULO 5	43
POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE <i>O LOUCO DO CATI</i> DE DYONÉLIO MACHADO	
Nailton Santos de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.8942026105	
CAPÍTULO 6	64
A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE	
Carina Marques Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.8942026106	
CAPÍTULO 7	74
O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: <i>A VIUVINHA</i> , DE JOSÉ DE ALENCAR, E <i>A ABELHA</i> – VERDADE E CARIDADE	
Iza Terezinha Gonçalves Quelhas	
DOI 10.22533/at.ed.8942026107	

CAPÍTULO 8	86
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8942026108	
CAPÍTULO 9	95
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
DOI 10.22533/at.ed.8942026109	
CAPÍTULO 10	106
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
DOI 10.22533/at.ed.89420261010	
CAPÍTULO 11	118
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
DOI 10.22533/at.ed.89420261011	
CAPÍTULO 12	129
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.89420261012	
CAPÍTULO 13	139
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.89420261013	
CAPÍTULO 14	147
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261014	
CAPÍTULO 15	159
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261015	

CAPÍTULO 16	167
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
CAPÍTULO 17	185
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
CAPÍTULO 18	196
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
CAPÍTULO 19	206
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
CAPÍTULO 20	217
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
CAPÍTULO 21	223
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
CAPÍTULO 22	231
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
CAPÍTULO 23	242
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

CAPÍTULO 24	252
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS Delzi Alves Laranjeira DOI 10.22533/at.ed.89420261024	
CAPÍTULO 25	263
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL Jonatas Alexandre Lima de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.89420261025	
CAPÍTULO 26	271
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS Ana María Rigotti DOI 10.22533/at.ed.89420261026	
SOBRE A ORGANIZADORA	281
ÍNDICE REMISSIVO	282

CAPÍTULO 9

CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PÁPAGALI

Data de aceite: 01/10/2020

Camila Marcelina Pasqual

Professora da Faculdade Educacional da
Lapa- FAEL- Doutora pela UFSC-

[http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.
do](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do)

RESUMO: O artigo objetiva analisar, sucintamente, a obra Terra Papagalli, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, sob o viés da “transculturalização narrativa”, teoria cultural desenvolvida pelo crítico uruguaio Ángel Rama, segundo a qual, elementos como linguagem, cosmovisão e estrutura da narrativa se mostram fundamentais para a compreensão de um texto como obra transcultural. O trabalho investiga se a obra em tela apresenta os elementos representativos que a caracterizem como romance que segue um processo transculturador. Para tanto, o artigo recorre às contribuições de Darci Ribeiro, no tocante ao impacto dos processos de miscigenação e aculturação nas relações sociais, de Antônio Cândido, em relação ao papel da literatura na afirmação do sentimento nacional e ideológico da intelectualidade latino-americana, na discussão da conscientização da condição colonial dos países do continente sul-americano. Utiliza-se a contribuição de Fernando Ortiz com respeito ao processo de fusão cultural em que as partes envolvidas (culturas distintas) sofrem transformações significativas ao longo do tempo.

PALAVRAS - CHAVE: Transculturalização; indigenismo; cultura.

WALKING TOWARDS TRANSCULTURALISM IN THE LAND OF PAPAGALI

ABSTRACT: The article aims to analyze, briefly, the book Terra Papagalli, from José Roberto Torero and Marcus Aurelius Pimenta, under the view of “transcultural narrative”, a cultural theory developed by Uruguayan literary critic Ángel Rama, according to which, elements like language, cosmo vision and narrative structure reveals to be fundamentals to comprehension of a text as a transcultural work. The research investigates if this book presents representative elements that could characterize it as a romance that follows a transcultural process. To achieve its aims, article recurs to the contributions of Darci Ribeiro, about the impact of miscegenation and acculturation on social relations between colonizers and colonized into Brazilian colonial system. Antonio Candido’s statements contributes about the role performed by literature in affirmation of national and ideological feeling of Latin-American intellectuality, on the discussion of conscience of colonization condition of the countries of South-American continent. Also is examined the ideas of Fernando Ortiz concerning to the process of cultural fusion in which both involved parts (distinct cultures) suffers profound transformations along time.

KEYWORDS: Transculturation; Indigeneity; Culture.

1 | CRUZANDO CULTURAS

“Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar”.

Pero Vaz de Caminha

A literatura contemporânea dá mostras de vigor ao dialogar com a história do Brasil, com seus desmandos, exclusões e preconceitos, numa perspectiva extremamente viva, criativa e irreverente. Com *Terra Papagalli*, José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta colocam em destaque grande parte de uma América portuguesa desconhecida, mas cujo imaginário mescla-se de tal modo com os desejos contemporâneos que o resultado é uma espécie de súpula, na qual o imaginário quinhentista português encontra o imaginário contemporâneo.

O *corpus* consiste em sucinta análise de *Terra Papagalli* sob a proposta de transculturação narrativa, na teoria cultural do crítico uruguaio Ángel Rama, desenvolvendo mais sistematicamente o que Rama sugeriu em ensaio sobre o romance latino-americano. A breve análise seguirá o método proposto por Rama para perceber, com mais precisão, os elementos representativos de um romance que segue um processo transculturador. No conceito de transculturação narrativa, elementos como linguagem, cosmovisão e estrutura da narrativa são fundamentais para sua compreensão enquanto obra transculturada. É por esse viés que se delimitará o presente estudo.

O contexto contemporâneo sugere uma concentração de obras cujos autores optaram por uma forma mais evidente de exercer a metaliteratura: as que ficcionalizam uma retomada histórica da literatura informativa. Frise-se que, em 1997, foram publicados três títulos de ficção com recursos que permitem paralelos: *Os rios inumeráveis*, de Álvaro Cardoso Gomes; *A cultura de Vera Cruz*, que retrata a miscigenação de raças e a adaptação do narrador na nova terra; *Guerra de imaginações*, de Doc Comparato, sobre o acasalamento do europeu com a nativa; e *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, centrado no período inicial da colonização do Brasil, que receberá mais atenção neste trabalho.

Na obra *Terra Papagalli*, a voz narradora é o tempo todo a de um degredado, o que permite a hibridização e múltiplos discursos da época, nos quais imperam sempre a ironia, a irreverência e o efeito burlesco. A viagem de chegada à nova terra e o contato com os nativos seguem, grosso modo, a história oficial, isto é, o relato de Pero Vaz de Caminha, com duas particularidades: o narrador está sempre no centro dos acontecimentos; é ele (Cosme Fernandes) quem grita “Terra à vista”, é ele um dos primeiros a fazer contato com os naturais da terra. As aventuras o relacionamento com os índios e os feitos dos degredados mostram o desenrolar dos acontecimentos “aculturadores” no decorrer da narrativa.

Cosme Fernandes e Lopo de Pina são figuras de destaque na terra dos papagaios.

Lopo de Pina, um dos primeiros degredados portugueses a aportar ali, não se adaptou e tampouco incorporou os costumes locais. Foi vítima de absorção cultural. A substância de seu caráter peculiar é reivindicada nesta investigação. Cosme Fernandes, outro dos primeiros degredados portugueses, adaptou-se à cultura local, incorporou vários elementos do novo mundo e absorveu as intransigências da época. O caráter de Lopo de Pina tende a uma expansão relativamente estável no decorrer de contatos iniciais com as novas formas culturais sobrepostas, os sistemas culturais: indígena e português. Ressalte-se que os degredados se situam à margem do sistema português, não sendo considerados como forma rígida institucional. Abandonados pela coroa portuguesa, a miscigenação passa a ser necessidade de sobrevivência.

Como não havia departamentos na oca, todos víamos uns aos outros a copular; Lopo de Pina zurrava como um jumento e dizia nomes maus. Antônio Rodrigues era rápido como um coelho e Jácome Roiz enrolava-se em sua gentia de tantas e tão diferentes maneiras que mais parecia uma serpente. (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 62)

A plêiade de povos novos da América Latina surgiu devido não só da inevitável miscigenação racial, mas também em decorrência da aculturação que, no entender de Darci Ribeiro (RIBEIRO, 1978, p. 71), foi se remodelando “através da distribalização e deculturação compulsória, sob pressão escravista”, que aos poucos foram perdendo suas origens dentro do sistema colonial. Hoje, segundo Ribeiro, na moderna sociedade industrial o que prevalece é o mestiço indígena-europeu. “Este é o caso do Brasil, da Venezuela, da Colômbia e das Antilhas, em que predominou o cruzamento dos europeus com negros na configuração da matriz étnica” (RIBEIRO, 1978, p. 171).

A este trânsito vital ou jogo dialético entre culturas, o sociólogo cubano Fernando Ortiz utilizou o termo transculturação, em seu estudo pioneiro da cultura afro-cubana, em substituição aos conceitos correntes de aculturação e desculturação:

Entendemos que o vocábulo ‘transculturação’ expressa melhor as diferentes fases do processo de trânsito de uma cultura a outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura distinta, que é o que a rigor indica a voz anglo-americana aculturação, mas que o processo implica também necessariamente a perda ou desarraigamento de uma cultura precedente, o que poderia dizer-se uma desculturação parcial e, além disso, significa a conseguinte criação de fenômenos culturais que poderiam ser denominados neoculturação. (ORTIZ. 1978, p. 86 (tradução minha).

Ortiz cria o termo transculturação para definir este processo de fusão cultural em que ambas as partes sofrem transformações ao longo do tempo, como, no caso de Cuba, as culturas de brancos e negros.

Em Terra Papagalli, os índios tupiniquins viviam para a guerra, finalidade última da existência. A morte em combate era recebida com honra; sem intenção de conquista, pelo prazer da luta. O conceito era estranho aos europeus, que rapidamente introduziram

táticas bélicas com intuito comercial e político. Prisioneiros inimigos não eram mais mortos, mas capturados e vendidos, estimulando o comércio escravagista e originando os primeiros nichos de poder local. Lopo de Pina não percebeu a possibilidade de uma nova conformação e as vantagens a extrair disso, recusou-se a guerrear com os gentios e foi tomado por covarde. Essa recusa, entretanto, produz uma retração em seu humor:

(...) disse que não devíamos mais ir às guerras dos tupiniquins, pois isso não constava das obrigações do nosso degredo e era contrário à fé cristã. Como Lopo de Pina jamais havia sido religioso ou obediente às leis, lancei isso na conta do natural desgosto que sentimos quando outros conseguem uma glória que poderia ser nossa (...). Desde então, por causa do nosso bom sucesso e da zombaria de Piquerobi, Lopo de Pina deixou de ter o antigo lume, tornando-se bastante ruim para aturar. (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 95-96).

Aproximando-se do poder português, o universo de Lopo de Pina se amplia: suas posses, sua apresentação, sua barriga. Tal aproximação lhe garante as melhores terras da região, desde que pague o preço. O episódio é fundador, pois representa a origem histórica do processo de corrupção do Brasil. (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 135-139)

Ampliou-se, também, sua apresentação: “[...] encontrei Lopo de Pina bebendo numa Taverna, vestido em trajes muito suntuosos e acompanhado de um séquito de cativos carijós que muita impressão causava”. (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 153). [...] “Lopo de Pina estava trajado a primor, ainda mais se comparado comigo, e engordou muitíssimo” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 135-139).

Rama, apoiado nas teorias de Andréas Bello, esclarece que a originalidade só pode ser conseguida pela representatividade da região onde surge, pois esta era percebida pela diferença entre as sociedades progenitoras, ou seja, diferença de meio físico de composição étnica heterogênea e pelo grau de desenvolvimento, em relação ao que se visualizava como modelo exemplar de progresso: o europeu. O princípio ético pactuou com o sentimento nacional, fazendo dos temas nativos a “matéria prima”, segundo o modelo do princípio econômico.

O crítico uruguaio aponta que, quanto aos impulsos modeladores (independência, originalidade e representatividade), apesar de profundas mudanças ocorridas, a literatura se manteve quase sempre no mesmo nível. O internacionalismo do período modernizador (1870-1910) restringiu o critério romântico a temas exclusivamente nacionais, ou seja, a originalidade do período romântico-realista do século XIX ficou restrita ao trabalho individual. Deu-se mais importância aos “homens da região” do que à “natureza da região”. Segundo Rama:

O caráter individualista, próprio do modelo assumido quando o continente se integrou solidamente à economia-mundo ocidental, vencera sua primeira batalha, mas não anulava os princípios que nortearam e deram origem às literaturas nacionais por ocasião da Emancipação. Isso foi demonstrado

por um desejo de originalidade jamais visto, e, apesar do internacionalismo reverente, em uma tentativa de autonomia que viu na língua sua melhor garantia. (RAMA, 2001, p. 243)

Antônio Cândido busca, no ensaio *Literatura e subdesenvolvimento*, discutir a produção literária dos países latino-americanos. Para o crítico brasileiro, pátria e natureza estão vinculadas ao processo literário que compensa “o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social” (CÂNDIDO, 2000, p. 141).

A discussão central do ensaio é a consciência da condição colonial. À primeira fase da forma cultural do país, Cândido denomina “consciência amena do atraso” referindo-se ao regionalismo pitoresco ou ingênuo, correspondente à ideologia de “país novo”. A segunda fase é o momento da “consciência catastrófica de atraso”, com uma visão problemática do regionalismo, concebida pelos demais países da América social como indigenismo ou, no caso de uma região específica do Brasil, de romance do Nordeste. A “consciência de subdesenvolvimento” de Cândido só é percebida no Brasil pós Segunda Guerra Mundial. A ficção regionalista abandona a amenidade e a curiosidade e busca rediscutir a cultura do país e suas influências mais objetivamente. A cultura literária caminha para uma “interdependência cultural”:

[...] isso não dará aos escritores da América Latina a consciência de sua unidade na diversidade, mas favorecerá obras de teor maduro e original, que serão lentamente assimiladas pelos outros povos, inclusive os dos países metropolitanos e imperialistas. O caminho da reflexão sobre o desenvolvimento conduz, no terreno da cultura, ao da integração transnacional, pois o que era imitação vai cada vez mais virando assimilação recíproca. (CÂNDIDO, 2000, p. 155).

Para Ángel Rama, anuindo às ideias de Cândido, desencadeado o processo de modernização cultural, a partir da década de 30, as fontes principais de recepção eram as metrópoles. Os escritores regionalistas hispanos assumiram atitude de defesa contra elementos modernizadores da Europa e dos Estados Unidos. Para os regionalistas, a vanguarda modernista estava impregnada de modismos literários europeus. Para os vanguardistas, os regionalistas usufruíam dos componentes tradicionais e arcaicos da literatura. Isto criou abismos culturais que obstaculizaram o desenvolvimento literário na América Latina. Alguns escritores não ignoraram as vertentes vanguardistas, ao ver que a radicalização extingiria as culturas/literaturas específicas de cada região:

O desafio maior da renovação literária se apresentaria ao regionalismo: ao aceitá-lo, ele soube resguardar um importante conjunto de valores literários e tradições locais, ainda que, para consegui-lo, tivesse de transformar-se e transportá-lo a novas estruturas literárias equivalentes, mas não assimiláveis às que abasteceram a narrativa urbana em suas múltiplas tendências renovadoras. (RAMA, 2001, p. 253).

2 | TERRA PAPAGALLI – PERSPECTIVA TRANSCULTURADORA LINGÜÍSTICA – COSMOVISÃO – ESTRUTURA NARRATIVA

No ensaio *Transculturación na América Latina*, em homenagem a Ángel Rama, Ana Pizarro esclarece que a preocupação fundamental deste era entender o que é e como estava sendo construída a cultura na América. Ao citar artigo do crítico, a pesquisadora afirma que em Rama há constante busca de um caminho cultural próprio: “Num país que tenta se construir a partir de legados plurais, Rama situa o problema maior em ‘o que somos’, e não naquilo que pareceria ser o mais importante: a ocupação de um território, a determinação de fronteiras, a criação de um estado, a organização de um exército. A pesquisadora conclui: “Inventar um país es lo de menos. Lo difícil es inventar una cultura” (PIZARRO, In: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, Flávio Wolf de. (Orgs). 1993, p. 248).

O crítico uruguaio argumenta, apoiando-se nas fontes teóricas de Fernando Ortiz, que o processo de transculturação gera a exposição de culturas internas ao influxo de culturas externas – da metrópole para a colônia – processo que frequentemente se traduz na tensão capital – província, sendo a capital um espaço mais vulnerável à mudança por sua exposição às culturas externas que ultrapassam os limites do nacional. Ademais, esse fenômeno provoca o movimento da capital para o interior; daí provêm as diretrizes que ditam a formação do sistema educativo cultural. Acredita-se que a concepção transformadora de cultura é encontrada nas narrativas literárias. Rama define o processo transculturador literário em três níveis: o da linguística, o da cosmovisão e o da estrutura literária.

No nível da opção linguística, Rama esclarece que alguns escritores passavam por um “transe transculturador”. Os regionalistas adotavam um sistema dual da língua com a forma literária culta e modernista seguindo paralelamente ao registro do dialeto dos personagens rurais, tentando criar uma ambientação regionalista e deixando em segundo plano os aspectos fonéticos morfossintáticos da língua culta. Normalmente, o dialeto dessa linguagem narrativa aparecia entre aspas ou era explicado em glossários, refletindo a diferenciação entre os níveis “superiores” e “inferiores” de linguagens e gerando ambiguidade quanto à postura do escritor que procurava inserir a outra forma de falar, mas com sua linguagem em situação de superioridade, reforçando o preconceito linguístico regional.

Os escritores transculturais aproximaram a distância entre a língua do narrador-escritor e a dos personagens, apropriando-se de forma mais consistente da morfossintaxe do léxico da língua da comunidade regional em que escrevem. Nesse movimento, a originalidade e a representatividade que intentavam seus predecessores tornaram-se oficiais. Os transculturadores passam a recriar a linguagem de dentro da comunidade e não mais buscam a cópia ou a imitação desse falar regional, mas reelaboram e recriam esse falar. A voz coloquial passa a ser aquela que narra e não apenas singularizadora do personagem. A partir daí o personagem manifesta sua visão de mundo sem perder a sua

identidade.

No nível da cosmovisão, para o crítico, esse é o elemento de transculturação que mostra mais resistência às mudanças homogeneizadas da modernidade cultural, pois para o escritor transculturador, “há possibilidade de descobrir uma reintegração nos valores e heranças culturais que expandem os conceitos míticos internos da região”, realizando o que Rama considera como o pensar mítico:

[...] partindo das revisões promovidas pela antropologia inglesa (...) a concepção do mito foi retomada pelos psicanalistas do século XX, (...) como pelos estudiosos da religião (...). Entre os mais autorizados centros que restabeleceram essa concepção do mito e o redescobriram agindo vivamente nas sociedades racionalizadas, estava a Alemanha (...) conjuntamente com a França, (...). Por meio dos hispano-americanos que residiram na Europa no período compreendido entre ambas as guerras (...) e pela mediação de grupos de intelectuais espanhóis esse inovador “objeto” da cultura internacionalista do momento foi levado para a América Latina (RAMA, 2001, p. 275-276).

O nível da estruturação literária tem seu aspecto fundamental na criação e representação de construções narrativas diferenciadas, abolindo traços vinculados aos referenciais exclusivamente europeus. Para Rama, de um lado, a partir dos modelos da Europa do século XIX, estava o naturalista. Do outro lado, as fontes orais das narrativas populares. Frente a isso, alguns escritores tomam rumos que se opunham à narrativa fragmentada vanguardista e buscam reaver alguns gêneros tradicionais; Rama cita como exemplo o monólogo discursivo, encontrado tanto na literatura clássica quanto nas narrativas populares orais. Desse quadro reelaborado e recriado fariam parte escritores da América Latina como o brasileiro Guimarães Rosa e José Maria Arguedas que seriam “continuadores transformadores” do regionalismo tanto no aspecto linguístico como na estrutura literária.

Para definir esses três níveis de transculturação narrativa, Rama realiza uma leitura do que seria a transculturação enquanto estética narrativa. Adaptando conceitos de Fernando Ortiz para aplicação à produção regionalista, o crítico usa o “esquema Lanternari”, que aponta três possibilidades de respostas culturais que uma comunidade teria ao reintegrar-se culturalmente: a “vulnerabilidade cultural”, que não se opõe às propostas externas, mas renuncia às internas; a “rigidez cultural”, que rejeita toda contribuição nova e se apoia nos produtos já alcançados; e a “plasticidade cultural”, em que a comunidade incorpora novidades não só como objetos absorvíveis pelo complexo cultural, mas, sobretudo, como processo animador da tradicional estrutura cultural. A comunidade recorre a componentes próprios, mesclados a componentes externos, podendo dar respostas inventivas (RAMA, p. 275-276).

Terra Papagalli, analisado dentro de perspectiva linguística, herda algumas características fundamentais que facilitam o uso da oralidade de forma intrínseca na obra. Construído com múltiplas técnicas de escritura, carta, diário, dicionário, bestiário, manuais

militares, seu discurso ambigualmente híbrido alinha-se aos traços híbridos do universo literário. Os autores Torero e Pimenta buscam entrelaçar formas discursivas, numa certa unidade linguística, reelaborando o discurso da língua do indígena. A narrativa traz uma variedade de discursos que une, no mesmo espaço ficcional, citações bíblicas e um breve e sumário dicionário da língua dos tupiniquins. Os autores não abrem mão da retomada daquele que deve ser o discurso fundador mais parodiado da cultura brasileira. “A canção do exílio” surge como composição de outro degredado, estruturalmente seguindo o modelo, o estranhamento no final do poema chega a questionar uma agressão ecológica: “Sem qu’inda aviste as palmeiras/ e cozinhe um sabiá” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 109).

É uma evocação implícita de Macunaíma na apropriação da palavra do outro realizada pelo cacique. Os degredados incitam-no à uma expedição vingativa, várias falas são registradas, “eu falei que sangue com sangue se pagava, frase que Piquerobi não se cansou de repetir pelos dias seguintes, dizendo que a tinha inventado”. (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 86).

Toda essa gama de textos e intertextos constituem rico espaço para mostrar traços profundos da união de universos linguísticos variados e culturalmente possíveis por darem ao enredo da obra uma orgia de hibridiz cultural.

Os elementos inseridos na linguagem oral de Terra Papagalli auxiliam na compreensão do que Rama afirma sobre o processo de transculturação. “Ao se exprimir literalmente, ganha além de sua óbvia dimensão cultural, uma vocação ilustrada, adaptando formas de modernidade europeia à realidade tradicionalmente vista como caudatória da América Latina” (AGUIAR, F.; VASCONCELOS, 2001, p. 23).

Destaca-se a multiplicidade de discursos no interior da narrativa que fazem parte da tradição oral que, de uma ou de outra forma, contribuem para a compreensão do universo histórico e das relações sociais entre os protótipos humanos na região de São Vicente.

O texto, além de um tom picaresco, traz boa dose de expressões “vulgares” e “palavrões”. A ira faz o protagonista vomitar uma infinidade de palavrões para sentir intensa sensação de paz e tranquilidade e não estrangular o inimigo Lopo de Pina: “São estes momentos o cagar, o mijar, o jacular, o peidar e o arrotar, e tanto isto é verdade que não há quem depois de um destes momentos, não sinta uma grande placidez e uma profunda serenidade”(TORERO; PIMENTA, 2000, p. 172). O registro desses termos chulos, em Terra Papagalli, ocorre sempre de forma bem limitada deixando um espaço vazio em torno de uma melhor homogeneização desse tipo de discurso dentro da narrativa. Os registros irônicos se instalaram no discurso pseudo-sério e deixaram transparecer fatos melodramáticos relatados em tom farsesco.

Quando o narrador-personagem se depara com o choque cultural linguístico, sabe extrair de cada fato um ensinamento, uma lição pseudo-moral, que diz mais do Brasil contemporâneo ou do ser humano em geral, em conclusões sempre desmerecedoras para a nação e para o homem. O teor das conclusões é do gênero daquela que formula ao se

casar com a filha de chefe: “Quando eu ainda não dominava a língua dos gentios, não podia conversar com ela e era o nosso viver só ajuntamentos e afagos, o que não me pareceu má coisa e fez-me pensar que o casamento perfeito só é possível entre seres que falam línguas diferentes”. (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 63).

Os relatos construídos ao longo da narrativa mesclam-se estilisticamente com a linguagem moderna e arcaica. O narrador, em vários momentos da sua escritura endereçada ao Conde de Ourique, lança mão da carta de Pero Vaz de Caminha, como se vê em um fragmento do diário de Cosme Fernandes: “E no que íamos chegando rente a margem vieram eles e agora já eram vinte. Vimos que eram pardos, rijos, altos e estavam nus como na primeira inocência. (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 38). *Terra Papagalli* representa a configuração de uma obra que incorpora os diversos elementos linguísticos, que a hibridizem presente na obra testemunha: o processo transculturador.

No âmbito da cosmovisão a obra focaliza o povo indígena que vive num mundo isolado, em terras não colonizadas pelos portugueses. Em território brasileiro, apesar da barreira linguística, os degredados portugueses e os índios conseguem manter um contato pacífico e um entendimento através da relação de troca de objetos e, com o passar dos tempos, os setes degradados travam forte amizade com o povo “autóctone”, aprendem a língua dos indígenas e ali passam a incorporar a cultura deles. A narrativa ficcional mostra uma visão diferente da dos relatos históricos. Os portugueses, em vez de impor sua cultura e seus costumes, como se percebe nos fatos históricos, apropriam-se ou sofrem influências da língua e cultura do índio, aderem a seus costumes, e tornam-se índios.

O protagonista da obra se apresenta como um personagem que domina o espaço em que vive. Considera-se um autêntico índio, uma vez que os valores cristãos trazidos de Portugal, aos poucos, foram sendo deixados de lado, para aderir aos costumes da nova terra.

A representatividade do mito indígena se faz presente no decorrer de quase toda a narrativa, na qual degredados europeus mantêm contato com os indígenas tupiniquins. O narrador relata os acontecimentos como missão de amizade e destemor e alude ao tráfico de escravos. Os portugueses vendiam os índios tupinambás e carijós para as naus castelhanas. Uma crítica irônica à abolição da escravatura em 1888.

Os relatos sobre os rituais antropofágicos indígenas, a princípio causavam certa repugnância aos degradados portugueses, mas passados trinta anos em meio àquele povoado indígena, o protagonista opta pela antropofagia para não morrer de fome e resolve devorar o seu inimigo Lopo de Pina. Mas havia um diferencial entre o ritual praticado pelo protagonista e o dos índios tupiniquins. Estes se submetiam a esta prática, por encontrar, no estômago do inimigo, o sepulcro perfeito. Aquele, por sua vez, não gozou de honra, mas sim de desespero por fatalidade vital: fome.

O pensamento crítico do narrador protagonista centraliza uma visão moralista na obra. O alvo do texto é a situação histórica do descobrimento do Brasil do século XVI:

predominam relatos de viagem em terras brasileiras. O herói está cômico da corrupção, velhacaria e roubalheira, do pouco proveito a se tirar da nova terra. Ou seja, o famoso jeitinho brasileiro: “quem pode mais chora menos”.

O último nível é o da estrutura literária. *Terra Papagalli* é tido como texto ficcional que transgride os aspectos convencionais do texto regionalista tradicional. A obra, construída sob o prisma de romance histórico contemporâneo, apresenta conteúdo mimético e parodístico e desenvolve ampla reflexão sobre o processo literário colonialista ou da dita literatura informativa. Os autores mostram, com a sátira parodística ser possível repensar o papel da elite e do povo no processo de formação da história econômica social e cultural das relações Brasil-Portugal.

Essa constante conversa com o leitor (ou monodialogo) que *Terra Papagalli* se propõe para retratar o processo de ocupação e colonização da terra brasileira, levou os autores a se instrumentalizarem de diversas formas narrativas para construir a trama. Com isso, rompe-se com os traços que determinavam a narrativa regionalista tradicional e se inserem na categoria de narrativa contemporânea fragmentada.

Torero e Pimenta apresentam inúmeros diálogos intertextuais no interior da narrativa, inseridos no discurso narrativo através de poema, diário, bestiário, dicionário da língua dos tupiniquins, trecho bíblico, analogias ao estilo machadiano e analogias aos pícaros clássicos espanhóis. Toda essa gama cultural da trama é utilizada pelos autores para jogar com (ou driblar) as referências culturais do Brasil.

Para finalizar, acredita-se que o fato de entrecruzar os múltiplos discursos intelectuais eleva a qualidade estilística da obra em tela. Assim se realiza, complica, simplifica ou enriquece a transculturação, sem esquecer que ela está sempre presente e ativa na ocidentalização, orientalização, africanização e indigenização, entre outros processos socioculturais fundamentais que produzem e constituem a configuração/movimentos da história, assinalada por descobrimentos, encontros e conquistas sempre acompanhados por transfigurações.

Em suma, para descrever tal processo o vocábulo transculturação proporciona um termo que não contém a implicação de uma dada cultura à qual deve ter a outra, mas uma transição entre duas culturas, ambas ativas, ambas contribuintes e ambas cooperantes para o advento de uma nova realidade civilizatória.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F.; VASCONCELOS, G. T. V. **Ángel Rama**: Literatura e cultura na América Latina. Tradução Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: EDUSP, 2001

AGUIAR, F. W.; CHIAPPINI, L. (Orgs.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993.

CANDIDO, A. Uma visão latino-americana. In: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. W. de (Orgs.) **Literatura e história na América Latina**. Tradução: Joyce Rodrigues Ferraz. São Paulo: EDUSP, 1993, p. 268.

CANDIDO, A.. Literatura e subdesenvolvimento. In: **Educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIAPPINI, L.; BRESCIANI, M. S. (Orgs.) **Literatura e cultura no Brasil: Identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.

ORTIZ, F. **Contraponto del tabaco y de azúcar**. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1987.

RAMA, A. Literatura e cultura. In: AGUIAR, F.; VASCONCELOS, G. T. V. Ángel Rama: **Literatura e cultura na América Latina**. Tradução: Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____ **Transculturación narrativa em América Latina**. México: Siglo, 1982.

RIBEIRO, D. **O processo civilizatório etapas da evolução sócio-cultural estudos de Antropologia da civilização**. São Paulo: Vozes, 1978.

TORERO, J. R.; PIMENTA, M. A. **Terra Papagalli**. Narração para preguiçosos leitores da luxuriosa, irada, soberba, invejável, cobiçada e gulosa história do primeiro rei do Brasil. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251
Ana Miranda 20
Angel Rama 206, 208, 209
Antítese 167, 178, 180, 181
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9
Aproximaciones Biográficas 271
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250
Comunidade de território 159, 160, 161, 163
Conflitos Humanos 231
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240
Crítica à Igreja Católica 86
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216
Diálogos Literários 147
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221
Dyonélio Machado 43, 49

E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203
Romance adolescente 242, 244
Romance gráfico 252, 253, 257, 261
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

S

Saci Pererê 106, 107, 113
Século XIX 26, 138
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244
Sociologia da literatura 43
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

T

Teatro Decomposto 217, 220
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266
Transculturização 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

V

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94
Velhice 14, 16, 18, 19, 268
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020